

Refletindo sobre os métodos de alfabetização na construção do conhecimento

Reflecting on literacy methods in the construction of knowledge

**Reflexionando sobre los métodos de alfabetización en la construcción del
conocimiento**

Recebido: 19/04/2020 | Revisado: 21/04/2020 | Aceito: 26/04/2020 | Publicado: 28/04/2020

Simoni Pereira Borges

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7231-3925>

Secretaria Municipal de Educação de Campo Verde, Brasil

E-mail: sborges2@hotmail.com

Antônio Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0178-4850>

Secretaria Municipal de Educação de Pontes e Lacerda, Brasil

E-mail: toninhopl@gmail.com

Edione Teixeira de Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1208-3961>

Instituto Federal de Mato Grosso, Brasil

E-mail: edione.carvalho@svc.ifmt.edu.br

Resumo

O presente artigo foi desenvolvido com o objetivo de compreender como os métodos podem contribuir com o processo de alfabetização desenvolvido em sala de aula, visando assim, discutir qual a melhor metodologia para ser privilegiada no trabalho realizado com os educandos das séries iniciais. Para subsidiar os fundamentos teóricos buscou-se compreender os conceitos de alfabetização, de método, assim como discutir sobre as correntes pedagógicas tradicional e construtivista, focando nos métodos sintético, analítico e as ideias de Paulo Freire e Emília Ferreiro, os quais defendem a alfabetização construtivista. A investigação foi realizada a partir de observações e vivências em sala de aula da Escola Municipal Vale do Guaporé, localizada na zona rural do Município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, onde durante três meses os pesquisadores observaram as práticas e dialogaram com os professores alfabetizadores da escola. A abordagem metodológica contemplada na pesquisa foi uma investigação qualitativa e a revisão bibliográfica, as quais possibilitaram levantar informações acerca do tema. O seu referencial teórico está pautado em: Freire, (1980, 2000, 2001), Kato,

(1999), Barbosa (1994), Silva (1981), Corrêa (2000), Soares (1998), Ferreiro (1987). Assim, o resultado apresentou indícios de que bons métodos são fundamentais na prática de alfabetizando pois contribuem para a aprendizagem dos educandos. É importante afirmar que além da escolha de um bom método, estes precisam ser bem pensados, planejados e organizados, além de contar com o acompanhamento da aprendizagem das crianças. A partir da pesquisa observou-se que é preciso investir em métodos de ensino construtivista, oportunizando que a alfabetização seja ativa, eficiente e contemple efetivamente as crianças, além disso, destaca-se também a necessidade de investir em estudos e diálogos sobre os métodos construtivistas, pois os professores demonstram fragilidades na compreensão dos mesmos.

Palavras-chaves: Concepções; ensino-aprendizagem; prática-pedagógica; conhecimento significativo.

Abstract

This article was developed with the objective of understanding how the methods can contribute to the literacy process developed in the classroom, aiming, therefore, to discuss what is the best methodology to be privileged in the work done with the students of the initial grades. To support the theoretical foundations, we sought to understand the concepts of literacy, of method, as well as to discuss traditional and constructivist pedagogical trends, focusing on synthetic, analytical methods and the ideas of Paulo Freire and Emilia Ferreiro, who defend constructivist literacy. . The investigation was carried out based on observations and experiences in the classroom of the Vale do Guaporé Municipal School, located in the rural area of the municipality of Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, where for three months the researchers observed the practices and talked with the teachers school literacy teachers. The methodological approach contemplated in the research was a qualitative investigation and a bibliographic review, which made it possible to raise information about the theme. Its theoretical framework is based on: Freire, (1980, 2000, 2001), Kato, (1999), Barbosa (1994), Silva (1981), Corrêa (2000), Soares (1998), Ferreiro (1987). Thus, the result showed evidence that good methods are fundamental in the practice of literacy, as they contribute to the students' learning. It is important to state that in addition to choosing a good method, these need to be well thought out, planned and organized, in addition to having the monitoring of children's learning. Based on the research, it was observed that it is necessary to invest in constructivist teaching methods, making it possible for literacy to be active, efficient and effectively contemplate children. In addition, the need to

invest in studies and dialogues about constructivist methods is also highlighted, as teachers demonstrate weaknesses in their understanding.

Keywords: Conceptions; teaching-learning; pedagogical practice; meaningful knowledge.

Resumen

Este artículo fue desarrollado con el objetivo de comprender cómo los métodos pueden contribuir al proceso de alfabetización desarrollado en el aula, con el objetivo, por lo tanto, de discutir cuál es la mejor metodología para tener privilegios en el trabajo realizado con los estudiantes de los grados iniciales. Para apoyar los fundamentos teóricos, buscamos comprender los conceptos de alfabetización, de método, así como discutir las tendencias pedagógicas tradicionales y constructivistas, centrándonos en los métodos analíticos sintéticos y las ideas de Paulo Freire y Emilia Ferreiro, quienes defienden la alfabetización constructivista. . La investigación se realizó en base a observaciones y experiencias en el aula de la Escuela Municipal Vale do Guaporé, ubicada en la zona rural del municipio de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, donde durante tres meses los investigadores observaron las prácticas y conversaron con los docentes. maestros de alfabetización escolar. El enfoque metodológico contemplado en la investigación fue una investigación cualitativa y una revisión bibliográfica, que permitió recabar información sobre el tema. Su marco teórico se basa en: Freire, (1980, 2000, 2001), Kato, (1999), Barbosa (1994), Silva (1981), Corrêa (2000), Soares (1998), Ferreiro (1987). Por lo tanto, el resultado mostró evidencia de que los buenos métodos son fundamentales en la práctica de la alfabetización, ya que contribuyen al aprendizaje de los estudiantes. Es importante afirmar que, además de elegir un buen método, estos deben estar bien pensados, planificados y organizados, además de tener un seguimiento del aprendizaje de los niños. Con base en la investigación, se observó que es necesario invertir en métodos de enseñanza constructivistas, lo que hace posible que la alfabetización sea activa, eficiente y contemple efectivamente a los niños. Además, se destaca la necesidad de invertir en estudios y diálogos sobre métodos constructivistas, ya que los maestros demuestran debilidades en su comprensión.

Palabras clave: Conceptos; enseñanza-aprendizaje; práctica pedagógica; conocimiento significativo.

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada na Escola Municipal Vale do Guaporé, localizada na zona rural do Município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, com as turmas de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental, no ano de 2019. A pesquisa foi motivada a partir de observações e análises sobre a alfabetização no cenário nacional, onde percebe-se que há muitas crianças em idade escolar, devidamente matriculadas nas turmas de alfabetização, contudo, com enormes dificuldades no processo de aprendizagem da língua escrita e da leitura. Diante dessa observação, a pesquisa proposta tem como objetivo compreender como os métodos podem contribuir com o processo de alfabetização desenvolvido em sala de aula, visando assim, discutir qual a melhor metodologia para ser privilegiada no trabalho realizado com os educandos das séries iniciais.

Para contribuir e fundamentar esta pesquisa foi necessário contar com estudos de autores renomados na área de alfabetização, tais como Freire, (1980, 2000, 2001) Kato, (1999), Barbosa (1994), Silva (1981), Corrêa, (2000), Soares (1998), Ferreira (1987). Assim, discutir alfabetização é algo complexo, pois alfabetizar é mais elaborado do que se imagina. É a partir dela que milhares de crianças e adultos se apropriam da compreensão do sistema de escrita, sendo capaz de ler e escrever convencionalmente. Para melhor compreender esse complexo e importante processo, ao longo desse trabalho será necessário fundamentar e defender alguns conceitos acerca do que é alfabetização, deixando evidente qual o compromisso defendido como responsabilidade pedagógica da escola como direito do aprendiz.

Para dar conta do objetivo proposto também será necessário argumentar sobre os métodos tradicionais e as teorias inovadoras da alfabetização, buscando assim, estabelecer uma discussão que propicie reflexões acerca da importância dos mesmos para o desenvolvimento das práticas pedagógicas realizadas pelos professores, assim como, da construção do conhecimento elaborado pelos educandos. Neste aspecto, considerando que a alfabetização inicia com a responsabilidade de formar leitores e escritores críticos e proficientes, os métodos utilizados devem ser adequados na apropriação do sistema de escrita pelos alunos, devendo sempre ir ao encontro das expectativas dos mesmos; lembrando que conforme defende Soares (1998) a alfabetização se caracteriza pela ação de ensinar códigos de leitura e escritas significativas, contextualizadas e coerentes com a vida do cidadão. Por isso é tão difícil para o professor eleger um único método, contemplando-o como responsável por dar conta de toda a dimensão do processo de alfabetização de um sujeito. Para compreender tal nuance utilizou-se

desse trabalho para discutir características de métodos e teorias que sustentam as práticas dos alfabetizadores, os quais podem oferecer contribuições muito positivas no processo ensino aprendizagem promovido em sala de aula, facilitando assim a vida de professores e alunos.

Para atingir o objetivo proposto nesta pesquisa, utilizou-se uma metodologia qualitativa, visando assim levantar os dados e interpretá-los para compreender o que acontece na sala de aula. Para tal, também se tornou necessário buscar estudos e fundamentos bibliográficos, os quais muito contribuíram para a compreensão e clareza da temática proposta na pesquisa. Além disso, adentrando-se o espaço da sala de aula, foi possível vivenciar práticas e interações com os agentes da escola (alunos, professores e coordenadores), visando observar e compreender o processo promovido neste espaço.

O campo de pesquisa foi selecionado pelos pesquisadores por tratar-se de um cenário próximo às suas realidades, sendo possível assim, conviver e analisar a prática de 03 professores e acompanhar mais de 40 crianças das salas de alfabetização da escola rural, selecionada como campo da pesquisa. Os sujeitos participantes da mesma assinaram termo de aceite da pesquisa e muito contribuíram com a mesma.

Com os dados analisados foi possível evidenciar que há desafios severos com relação ao processo de alfabetização, os quais professores e alunos se sentem desafiados diariamente. Contudo, é possível concluir que a pesquisa muito contribuiu para a compreensão da alfabetização e os diferentes métodos e teorias que sustentam essas práticas nos fazeres dos professores. A partir das análises proferidas ao final da pesquisa evidenciou-se que as professoras, em sua grande maioria se fundamentam em métodos tradicionais, realizando uma alfabetização mecânica e engessada. Por isso, esse processo requer atenção da gestão da escola, dos professores e dos pais a fim de construir um projeto de alfabetização eficiente.

2. Refletindo sobre os métodos e a aprendizagem das crianças na alfabetização

O universo teórico definido para fundamentar esse artigo aparece ancorado no objetivo proposto, visando assim dar conta de discorrer sobre as ideias necessárias na sustentação desse objetivo. Dessa forma, faz-se necessário fundamentar conceitos e eleger métodos que possam assegurar uma reflexão coerente, a qual se propõe argumentar ao longo dessa pesquisa. Para contribuir com a fundamentação das ideias propostas, coadunamos com os pesquisadores da

área de alfabetização, os quais apresentam pesquisas e estudos sobre o tema. Neste sentido, fica determinada na fundamentação teórica uma conceitualização de alfabetização e método, assim como, uma sintetizada discussão sobre os métodos tradicionais e as teorias construtivistas, visando oferecer contribuições sobre a compreensão desses conceitos e fundamentos que subsidiam as práticas alfabetizadoras.

Segundo teóricos e pesquisadores da área, tais como Weisz (2001), Soares (1998), os quais defendem que os métodos e práticas de alfabetização devem ser pensados como algo extremamente relevante por todos educadores, porém, o que se observa na realidade é que muitos se acomodam e não se preocupam em verificar se a metodologia utilizada efetivamente tem proporcionado resultados que possam realmente favorecer os professores e educandos no processo de ensino e aprendizagem.

Dentro de todas as dificuldades os educadores não têm conhecimento suficiente sobre o desenvolvimento dos métodos que melhor contribuem com sua prática em sala de aula. Assim, tratar de método para uma grande maioria dos profissionais da educação é dialogar sem conceitualização clara e formada. Os profissionais atuam utilizando “achismos” sobre conceitos de métodos. Por isso, na maioria das vezes suas práticas são fragmentadas e discordantes, principalmente nas concepções. Dessa forma, este artigo propõe deixar claro qual o conceito de alfabetização é defendido, qual método é mais eficiente e qual a importância do professor ter clareza disso para pleitear uma educação de qualidade, onde todas as crianças terão o direito de estarem alfabetizadas.

Para contribuir com a compreensão do que é alfabetização referencia-se as ideias de Magda Soares (1998), quando define o tema.

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo – criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (Soares, 1998, p. 33)

Soares (1998) deixa evidente que o processo de alfabetização é amplo, importante e vai além do mundo da escola. Por isso, cabe aos professores alfabetizadores refletirem sobre essa dimensão, visualizando quão importante é garantir o direito de uma alfabetização eficiente. As

crianças e adultos que não possuem esse direito garantido com qualidade na fase da alfabetização sofrerão consequências por toda a vida, pois o processo inicial (alfabetização) é ancora importante na escolarização dos sujeitos. Quando a criança tem o privilégio de ser alfabetizado dentro dos princípios defendidos por Soares (1998) ele terá ao longo de sua vida muito mais facilidade em promover sua aprendizagem de forma autônoma e eficiente. Fato que muito contribui para seu sucesso na escola e na vida.

Para contemplar amplo conhecimento e prática eficiente no processo de alfabetização é preciso estudar, decidir e analisar o como fazer. Por isso, cabe neste artigo fomentar uma discussão sobre métodos de alfabetização indagando alguns questionamentos importantes, tais como: Existe um método de alfabetização adequado para o processo? Como trabalhar os métodos em salas de alfabetização? Que método é mais eficiente para a aprendizagem do aluno? Sabe-se que não há respostas claras para tais questionamentos, contudo, para os professores que desejam uma alfabetização de qualidade e que realmente fazem isso com consciência é preciso reconhecer que existem diversos métodos para alfabetizar. A fim de deixar clara a discussão, acredita-se ser importante definir o que é método. E, só posteriormente argumentar sobre os diferentes métodos utilizados na alfabetização.

Para melhor elucidar a questão dos métodos, esse estudo optou por trabalhar duas correntes pedagógicas, as quais trazem evidências de metodologias de alfabetização. A primeira explanará sobre a Pedagogia Tradicional, onde defende os métodos de alfabetização sintético e analítico, já a segunda discorrerá sobre a pedagogia construtivista, a qual abordará Paulo Freire e a psicogênese da língua escrita como base da alfabetização, defendendo uma construção conceitual apoiada na reflexão sobre as características e o funcionamento da escrita.

É importante conscientizar-se de que qualquer método para ser eficaz precisa que o professor tenha uma segurança maior de sua prática, a qual o levará a reformular sua metodologia a partir dessa evidência. Pois de acordo com Freire (1980, p. 40) “[...] é importante preparar o homem, [...] por meio de uma educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugué. Isto obriga a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos”.

Autores como Cagliari (1998) esclarece que o método parece ainda estar ligado à unidade linguística que defende o trabalho com sílabas versus fonemas. No entanto, no mundo da alfabetização são vários os conceitos expressos para compreender o sistema de escrita, onde não cabe limitar apenas a compreender ou adotar duas modalidades com conceitos

essencialmente iguais quando trata do tipo de operação mental por parte do aprendiz: a análise ou a síntese. Isso também ainda é desafiador para o professor, há confusão na compreensão dos métodos, até mesmo no sentido mais simples, método sintético e analítico.

Dentro do processo de ensino-aprendizagem deve se procurar uma metodologia que seja um instrumento eficaz, possibilitando melhorias na aprendizagem. E dessa forma, os professores terão mais condições de identificarem a relação com a aprendizagem, os conteúdos trabalhados, a assimilação e compreensão dos educandos, bem como qual processo é facilitador do aprender de cada um.

A alfabetização requer uma tarefa mais competente que se realiza na escola, e jamais pode ser delegada a um professor descomprometido. Pois esse trabalho requer organização, compreensão e comprometimento para se garantir uma eficiência no seu processo educativo. Dessa forma, é indispensável que a escola e o professor conheçam a realidade do educando, tenham claro seus objetivos, sejam coerentes com suas funções e compromissos e oportunizem que o educando seja sujeito do processo de aprender. O professor pode se apropriar das experiências e conhecimentos dos alunos, para com eles fundamentar o método e as atividades sistematizadas, com isso o material didático torna-se mais rico, mais significativo para o aluno e mais compatível com a realidade vivida por ele.

Para o desenvolvimento do processo de alfabetização faz-se necessário defender uma metodologia que contemple a aprendizagem significativa, que atue com protagonismo, que possibilite o pensar. Visando melhor fundamentar e oferecer subsídios teóricos para que os professores reflitam sobre os métodos selecionados para serem discutidos neste artigo será elencado abaixo as ideias principais dos métodos e teorias que sustentam as práticas tradicionais e construtivistas dos professores em sala de aula, tais como os descritos a seguir.

2.1 O método sintético de alfabetização

Para dar clareza à temática abordada, faz-se necessário definir o método sintético de alfabetização, sendo este compreendido como um método pautado na pedagogia tradicional, o qual trabalha a aprendizagem como processo cumulativo, objetivando acumular conhecimentos, passando pouco a pouco do simples (letras e sílabas) ao complexo (palavras e

textos curtos). O aluno aprende letras isoladas, liga consoantes a vogais, forma sílabas, reúne sílabas para formar palavras e chega ao texto. Neste método também as crianças tem como desafio conhecer os sons das vogais e das consoantes e depois juntá-los formando sílabas e posteriormente palavras. Almeida (2008, p. 42) fala que os métodos sintéticos "seguem a marcha que vai das partes para o todo, ou seja, primeiro a criança internaliza as unidades menores (fonemas), para depois gradativamente chegar às unidades maiores".

Esse método leva o aluno a ler letra por letra, sílaba por sílaba e palavra por palavra, o que acarreta o aumento do número de pausas, favorecendo os movimentos de olhos regressivos que causam cansaço, prejudicando o ritmo e a compreensão da leitura. Mesmo assim, o método ainda é muito presente no contexto da alfabetização, contudo, há inúmeros estudos os quais demonstram a necessidades de rupturas nesse processo, pois hoje as crianças vivenciam cenários contextualizados, onde são desafiadas a compreenderem signos escritos a todo momento. E diante desse desafio articulam outras formas de compreenderem o mundo da escrita, demonstrando assim, a necessidade das práticas alfabetizadoras evoluírem. Ao longo da história e considerando os fatos históricos demarcados pelos aspectos sociais, econômicos, estruturais e de avanços tecnológicos percebe-se que os conceitos e métodos de alfabetização também apresentam mudanças. Assim, o ensino da leitura e escrita segundo Barbosa, pode ser dividida em três períodos.

O primeiro, que vai da Antiguidade até os meados do século XVIII é marcado pelo uso exclusivo do chamado método sintético. O segundo, a partir do século XIX que tem o início um processo de operação teórica ao método sintético pelos precursores do chamado método global, oposição esta que se efetivará no início do século XX, com Decroly (Barbosa, 1994, p. 45).

Considerando a citação de Barbosa (1994) é necessário compreender que o método sintético por si só não tem dado conta dos desafios de alfabetizar, pois leva o educando a notar partes isoladas, propondo um processo truncando de percepção e compreensão do sistema alfabético. O método sintético está subdividido em alfabético, fonético e silábico. No alfabético o aluno primeiramente aprende a identificar as consoantes, depois junta-as com as vogais, soletrando, como b+e = be / d+a = da e em seguida tenta formar as palavras. Assim, a criança

sabe que os sons do G e A são grafado GA e que T e O são TO e se juntar às duas sílabas irá formar a palavra “gato” tendo a compreensão da lógica da base alfabética de escrita. Almeida (2008) coaduna com isso, quando argumenta que:

O método alfabético ou de soletração caracteriza-se pela aplicação através de uma sequência fixa baseada nos estímulos auditivos e visuais, sendo a memorização o único recurso didático utilizado, pois, de acordo com Carvalho (2010, p.22), “[...] o nome das letras é associado à forma visual, as sílabas são aprendidas de cor e com elas se formam palavras isoladas. [...]”. Esse método tem como objetivo a combinação entre letras e sons. (ALMEIDA 2008 apud FONTES e BENEVIDES, 2012, p. 3).

O fônico enfatiza as relações símbolos e som, o aluno conhece os sons representados pelas letras e combinam esses sons para pronunciar as palavras. Nesta fase o aluno deverá aprender a distinguir diferenças e semelhanças gráficas e sonoras entre as letras, como por exemplo; entre D e B e entre V e B. Ao utilizar esse método a criança é convidada a trabalhar a compreensão da leitura e da escrita utilizando-se ordenadamente das seguintes unidades linguísticas som, sílaba, palavra e frase. Segundo Casasanta, (s.d., p. 42).

Em 1533, Valentim Ickelsamer propôs um método que prescindia da soletração e da aprendizagem do alfabeto. Fundava-se no som das letras, que era tirado das palavras conhecidas dos alunos. Oferecia um material, constante de figuras, principalmente, de animais. Ao lado de cada uma, em colunas paralelas, fazia imprimir o nome do animal e a letra, cujo som se aproximava de sua voz ou de seu grito. Ao lado da figura do passarinho – o piu-piu – e, isolado, o som do p, etc. Estava criado o método fônico.

Ocorre que o educando não consegue fazer a correspondência entre pensamento e palavra escrita, não consegue distinguir entre fonema e grafema, não há reconhecimento do valor sonoro convencional, isto é, não observa a relação que existe entre o som A e a letra A, dando a impressão que as ordens das letras não são importantes. Além disso é preciso considerar que na língua portuguesa os sons das letras também não são estáticos, eles podem variar dependendo da função, da ordem e da palavra que a letra aparece. Isso é muito difícil para a criança compreender isoladamente. Exemplo: ELA - TELHA - MEIO, observe que a letra E é pronunciada com sons distintos em cada palavra, mas nem por isso deixou de ser a letra E.

No método silábico inicia-se com a aprendizagem concentrada em sílabas prontas, sem preocupar-se em estabelecer compreensão entre vogais e consoantes. Neste caso apresenta-se uma consoante e posteriormente todas as sílabas formadas por ela e pelas vogais, e em seguida, formavam-se palavras com essas sílabas. Por isso há excessiva preocupação do domínio das sílabas, para só posteriormente as crianças escreverem as palavras. Esse aspecto é bem recordado pelas cartilhas de antigamente, quando começavam ensinando o BA e terminavam com ZA e só depois de dominar todas as sílabas acreditava-se que as crianças eram capazes de ler e escrever as palavras.

O método sintético ainda é bastante utilizado por professores alfabetizadores, contudo, o mesmo sofreu fortes críticas ao longo das discussões sobre metodologias de alfabetização e com isso, outras propostas surgiram, tentando trabalhar a alfabetização de forma mais ampla, compreensiva. E neste momento, as discussões didáticas propõem métodos analíticos de alfabetização, os quais vieram com o intuito de reconstruir o processo de alfabetização. Com intuito de apresentar essa proposta, a seguir teremos suas ideias centrais.

2.2 Método analítico

Apresentar o método analítico é importante para a compreensão das concepções metodológicas de alfabetização, pois neste momento objetiva-se deixar claro quais ideias sustentam essa prática. É possível afirmar que no método analítico o aluno percebe antes o todo e só depois os pormenores. Isto é, primeiramente se apresenta um texto (palavra, frase ou textos curtos) depois de memorizar esse texto a criança terá a aprendizagem sobre as unidades que compõem o mesmo, conforme descreve Barros (2010, p. 38) ao definir conceitualmente o termo.

O método analítico leva o aluno a analisar o todo (palavra) para chegar as partes que o compõem. O método analítico é de abordagem audiovisual, concebendo a leitura como um ato global. Nesta ótica é que os seus adeptos trabalham a partir de unidades completas de linguagem, dividindo-as depois em partes menores.

Neste método o professor conta muito com a memorização, onde na maioria das vezes os educandos precisam conhecer o texto de memória para depois decompor e

compreender as partes (em palavras, sílabas e letras). Isto é, à medida que faz contato com o texto já decorado, vai-se percebendo a par do passo a passo da construção e tirando suas conclusões.

Ao utilizar esse método é natural que pouco a pouco o educando comece a identificar palavras que lhe pareçam conhecidas, depois em alguns dos textos decorados e assim comece a fazer sozinho o sistema de escrita, mesmo que não o compreendeu, mas apenas memorizou.

Nisto quando o alfabetizando, qualquer que seja seu perfil, chega à classe é levado a produzir o código escrito, “[...] sem saber que está desenhando símbolos que representam aquilo que fala. É levado a, imediatamente, desenhar letras, a copiar palavras ou frases, a dividir sílabas, isto é, a fazer antes de compreender o que faz” (Corrêa, 2000, p.65). Na prática este método é desenvolvido com os alunos levando-os a decorarem textos apropriados a partir de histórias contadas integralmente ou em partes, tornando-se conhecidas de memória e posteriormente segmentadas em partes, com a finalidade de compreender o sistema de escrito a partir de suas unidades.

Apesar de serem encontradas diferenças entre os dois métodos (sintético e analítico), é possível perceber que os dois apoiam-se em concepções tradicionais, as quais não permitem a aprendizagem significativa, centram-se em memorizações, codificações, decodificação, fragmentação e fracionamento de conhecimentos, tornando o processo de alfabetização complexo e lento. Para contrapor as concepções tradicionais serão apresentadas a seguir as ideias de Paulo Freire e a Psicogênese da Língua Escrita às quais representam um caminho para ruptura do tradicional e a acolhida de uma concepção construtivista.

2.3 Refletindo sobre as contribuições de Paulo Freire na alfabetização

Paulo Freire (1980) desenvolveu uma proposta de alfabetização voltada para alfabetizar adultos num projeto iniciado em Recife, local onde despertou-lhe a curiosidade e o desejo de promover alfabetização as pessoas adultas que não sabiam ler e escrever. Por isso, começou sua prática ensinando os adultos a escreverem a partir de palavras do seu contexto, o que veio a ser identificado como tema gerador. Dessa forma, para ensinar os operários da obra utilizava-se de

palavras do contexto das pessoas, tais como TIJOLO, e a partir da palavra discutia o seu sistema de escrita, sua representação e contexto social.

Paulo Freire foi um grande defensor da educação para a autonomia e cidadania, sempre propôs uma alfabetização ativa, significativa com sentido para a vida dos sujeitos. Por isso, tornou-se referência ao discutir o processo de alfabetização. Para Freire (2000) o amor é a chave do progresso dos métodos, pois na sua visão é fundamental o diálogo para dar certo todas as relações e todas as coisas do mundo, pois o diálogo é o sentimento do amor se tornando sempre em ação.

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. Seria irônico se a consciência no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença, (Freire, 2000, p. 58).

As ideias Freirianas incentivaram e levaram aos alunos a realidade nos conteúdos expostos em sala de aula, assim como deu sentido ao que se aprendia. Os momentos de alfabetização com Paulo Freire foram além dos conteúdos ficcionais e repetitivos desenvolvidos no método sintético e o analítico. Freire trabalhava expondo e debatendo textos significativos com sentido para a vida dos sujeitos que dele participava. Para melhor compreender esse processo vejamos como ele foi pensado e realizado por Freire.

Paulo Freire (1980) nos mostra primeiramente como o sujeito faz a descoberta do vocábulo que será estudado, utilizando sempre palavras do seu dia-a-dia propiciando aos educandos um resultado enriquecedor cheio de descoberta, sendo gratificante que as palavras geradoras nasçam da procura dos alunos pela descoberta e não pela criação do professor que geralmente traz tudo pronto.

No segundo momento dessa prática o professor tem que realizar a seleção de palavras dentro do universo vocabular determinado pelas dificuldades fonéticas e da riqueza silábica, assim, os educandos procuram entre as palavras do seu cotidiano cultural, social e político desafios para aprender a língua escrita. Nessa proposta educacional, o professor não é mais que

o aluno porque sabe as coisas que os alunos não sabem, mesmo porque os alunos também sabem coisas que os professores não sabem.

O fato dos professores terem maior conhecimento socialmente não implica que os mesmos sejam superiores aos alunos. Essa dinâmica e pensamento pedagógico produz uma forma coerente de trabalhar a relação ensino aprendizagem, por isso, envolve alunos e professores em quererem saber mais e se alfabetizarem com prazer, tornando o conhecimento discutido na alfabetização algo passível de descobertas, com os critérios que permitem a participação e compreensão dos sujeitos que deles participam. Segundo o professor Jarbas Maciel, vemos que estes critérios estão contidos no critério semiótico:

A melhor palavra geradora é aquela que reúne em si a porcentagem mais alta de critérios sintáticos (possibilidade ou riqueza fonética, grau de dificuldade de fonética, complexa, possibilidade de manipulação de conjuntos de signos, de sílabas etc.), semânticos (maior ou menor intensidade de relação entre palavra e o ser que designa), poder de conscientização que a palavra tem potencialmente, ou conjunto de reações sócio-culturais que a palavra gera na pessoa ou no grupo que a utiliza (Maciel, 1980, p. 43).

O terceiro passo necessitará que se criem situações existenciais típicas compatíveis ao grupo que está sendo trabalhada para lhes possibilitar desafios e situações problemáticas codificadas que levem em si situação para que seja decodificada pelos alunos com a colaboração do professor conscientizando os educandos a alfabetização. A palavra geradora engloba situações complexas ou contempla apenas situação cotidiana. Isso não importa, o importante é a contextualização. Na quarta fase desse método os professores ou coordenadores devem fazer a elaboração de fichas indicadoras para servir de base na hora do debate com os educandos. Já o quinto processo consiste na criação de fichas nas quais aparecerão as famílias fonéticas que corresponde as palavras geradoras. Quando o material, em forma de diapositivos ou cartazes, estiver pronto às equipes de professores com um bom treinamento nos debates começassem então o processo ou trabalho de alfabetização.

A alfabetização proposta por Paulo Freire (1980) consiste numa proposta que se inicia, pelo levantamento do universo vocabular dos alunos, observando suas conversas informais e seus vocábulos mais usados e assim selecionar as palavras que servirão de base para as lições

por eles adotada, selecionando assim o critério já existente, mas de um modo repensado, ele nos orienta na escolha dos conteúdos que utilizaremos com criatividade, na aprendizagem de leitura.

Na visão de Paulo Freire (2000) os métodos devem ser capazes de codificar como símbolo da língua as situações mais significativas da vida coletiva de quem lhes falam, as palavras geradoras devem conter todos os fonemas da Língua Portuguesa e devem incluir todas as dificuldades de pronúncia e escrita gramatical. Na concepção de Freire (2000) os educadores devem trabalhar com palavras geradoras ligadas ao seu cotidiano, pois as mesmas são concretas e não abstratas possibilitando aos educandos um entendimento coerente sobre os conteúdos estudados visando dois níveis de universos: o vocabular e o temático, um que servirá como núcleo gerador da alfabetização, e o outro que auxiliarão na pós-alfabetização, mas ele propõe que o método possibilite ao educando a capacidade de confeccionar seu próprio material com a orientação dos professores e assim fazer sua própria descoberta.

Nesta perspectiva, Brandão argumenta:

Mas como tudo no método implica criação, ajustamento do próprio instrumental de trabalho as condições e peculiaridade de cada lugar de seu uso, aqui e ali as fichas de cultura passaram de desenhos imaginados, para sequências de fatos em que as próprias ideias que elas devem sugerir eram imagens concretas da vida das pessoas da comunidade (Brandão, 1940, p. 42).

Quem conhece a linha de Paulo Freire percebe que ele estudou a linguagem do povo oprimido, se preocupando com a superação do analfabetismo, com a certeza de que a aquisição da leitura e da escrita é o fator indispensável para que o educando leia o mundo e possa transformá-lo, pregando sempre a permanente reconstrução das práticas pedagógicas, que é um princípio que se consolidou no construtivismo.

A respeito disso, Brandão (1940, p. 49) ainda enfatiza:

Só assim a alfabetização cobra sentido, a mesma é a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o

mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa de ser assim algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como criação.

Freire (2000) demonstrou em seus estudos que os professores apresentam dificuldades de compreensão e de realização de atividades práticas que contemplem o construtivismo. E durante as observações realizadas nesta pesquisa foi possível verificar essa dificuldade e resistência. Mesmo sabendo da necessidade de haver mudanças no ensino, os profissionais sentem-se inseguros e resistentes às mudanças. O construtivismo freiriano aposta na contribuição das práticas, estudos e pesquisas desenvolvidas por Freire (2000) para que os professores ofereçam aos educandos atividades que permitam às crianças comparar, discutir, criticar, criar, construir, refletir, sobre a linguagem, a escrita e a leitura. Na verdade, não havia a pretensão de formular um guia que se torne o único instrumento de trabalho e sim, mais um instrumento para enriquecer as aulas e servir como ponto de apoio. Freire (2001, p. 25) afirma que “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, pois, caso contrário, a Educação Popular perderia o sentido de futuro”. Deste modo, evidencia-se que para ter bons resultados na sala de aula é necessário que os alunos utilizem de instrumentos para a leitura e escrita como jornais, revistas, gibis, propagandas, televisão, rótulos e receita, dessa forma proporcionando ao professor uma diversidade de materiais escritos para oferecer aos educandos.

2.4 Alfabetização Construtivista - Teoria da Psicogênese da Língua Escrita

A teoria construtivista trouxe uma ressignificação na compreensão do processo de alfabetização, pois a partir dos estudos desenvolvidos por Piaget (2007), provou-se a compreensão de que a aprendizagem não acontece de forma passiva pelo aluno, mas sim a partir de intervenções e da interação com o meio. Segundo Piaget (2007, p. 01),

O conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado nem nas estruturas internas do sujeito, porquanto estas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nas características preexistentes do objeto, uma vez que elas só são conhecidas graças à mediação necessária dessas estruturas, e que essas, ao enquadrá-las, enriquecem-nas.

Coadunando com as ideias acima expressas, Ferreiro (1987) promoveu uma série de estudos acerca da alfabetização que culminou na obra *Psicogênese da Língua Escrita*, a qual retrata como acontece o processo de apropriação do sistema de escrita pelas crianças e adultos em processo de alfabetização. Assim, a teoria construtivista trouxe discussões acerca da alfabetização argumentando a necessidade de acompanhar a aprendizagem dos alunos de forma mais intensa, mais próxima, tendo em vista compreender a aquisição da leitura e da escrita, promovendo momentos de reflexões e interações ativas.

Ferreiro (1987) defende a tese de que o educador além de ensinar o aluno a ler e escrever, deve também ser conhecedor de como ocorre tal processo, de como a criança pensa a escrita, antes de apropriar-se da mesma, e isso requer uma avaliação e acompanhamento severo por parte do professor que precisa avaliar não só o aluno, mas sua didática, metodologia e técnicas de trabalho, pois assim o professor terá mais chances de desenvolver o conhecimento do sistema escrito significativamente, demonstrando o que os alunos compreenderam e sabem sobre a escrita alfabética.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997, p. 82) “Para aprender a ler e escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem”. A partir daí, teoricamente pensar a alfabetização é compreender que nesse processo a criança não compreende o significado da escrita tão facilmente, ele cria situações e hipóteses até chegar a escrita convencional.

Para melhor compreender essa teoria, Ferreiro e Teberosky (1987) afirmam ser necessário conhecer e compreender como a criança pensa, constrói e faz hipóteses do sistema de escrita. As autoras argumentam que, baseado na teoria construtivista, a criança faz várias hipóteses até chegar à escrita convencional, e essas hipóteses são marcantes no seu processo de aprendizagem exigindo assim compreensão por parte dos educadores.

Segundo a *Psicogênese da Língua Escrita* a criança cria hipótese para refletir e formular a escrita convencional e essas hipóteses são caracterizadas e construídas a partir de conhecimentos e vivências que as mesmas possuem com o mundo letrado.

Para descrever sinteticamente as hipóteses de escrita definidas por Ferreiro e Teberoski (1987), primeiramente há a defesa de cinco hipóteses de escrita, tais como descritas a seguir:

Garatuja: é a hipótese de escrita inicial da criança no processo de aquisição da língua escrita, momento em que representam a escrita através de desenhos, rabiscos, sinais ou símbolos, ou seja, não há relação entre a escrita convencional e os registros escritos, isto é, relaciona a escrita diretamente com o objeto que a representa. Por isso “no início desse processo toda criança supõe que a escrita é outra forma de desenhar as coisas. Não havendo compreensão de que a escrita representa a fala, o som das palavras e não o objeto a que o nome se refere” (Weisz, 2001, 32).

Pré-silábica: a criança já diferencia desenhos, sinais, rabiscos de letras, ou seja, neste momento começa a relacionar a escrita com letras. Contudo, não se preocupa com o repertório de letras utiliza-se das que já conhece. Às vezes, como seu repertório de letras ainda é reduzido, utiliza letras que conhecem como a do próprio nome, procura variar ou trocar as letras de posições, usa em média a quantidade de letras do seu nome para escrever.

Nesta fase apesar das crianças já usarem letras para escrever, não pensam na organização dessas letras e não fazem relação do grafema com o fonema. E quando solicitadas a ler, leem de forma corrida, sem se preocupar com a relação grafema fonema. Exemplo, para escreverem BONECA usam qualquer letra, sem preocupação nenhuma com a convencionalidade, tal como AISTIUAO.

Silábica: neste momento a criança começa a relacionar a escrita das palavras com a fala, inicia a compreensão da relação grafema (letra) – fonema (som). Por isso, ao escrever seleciona uma letra para cada sílaba. A escrita silábica é uma das mais importantes e desafiadoras para as crianças que estão em ritmo de apropriação do sistema de escrita. Na fase silábica as crianças apresentam duas fases, com dois desafios. O primeiro é o que chamamos de **hipótese silábica sem valor sonoro**, quando a criança escreve uma letra para representar cada sílaba, sem se preocupar em qual letra usar, sem estabelecer nenhuma relação da letra com o som.

Exemplo, para escrever BONECA utiliza-se de DBO e afirma ter escrito boneca. Já a segunda pode-se afirmar que é mais elaborada, quando o sujeito inicia a compreensão entre fala e escrita, por isso continua usando uma letra para cada sílaba, contudo já consegue estabelecer relação dos sons com as sílabas. Exemplo para BONECA utiliza OEA, afirmando ter escrito BO NE CA, demonstrando que já faz relação do som com a escrita. Weisz (2001, p. 39) argumenta que “a hipótese silábica, é ao mesmo tempo, um grande avanço conceitual e uma

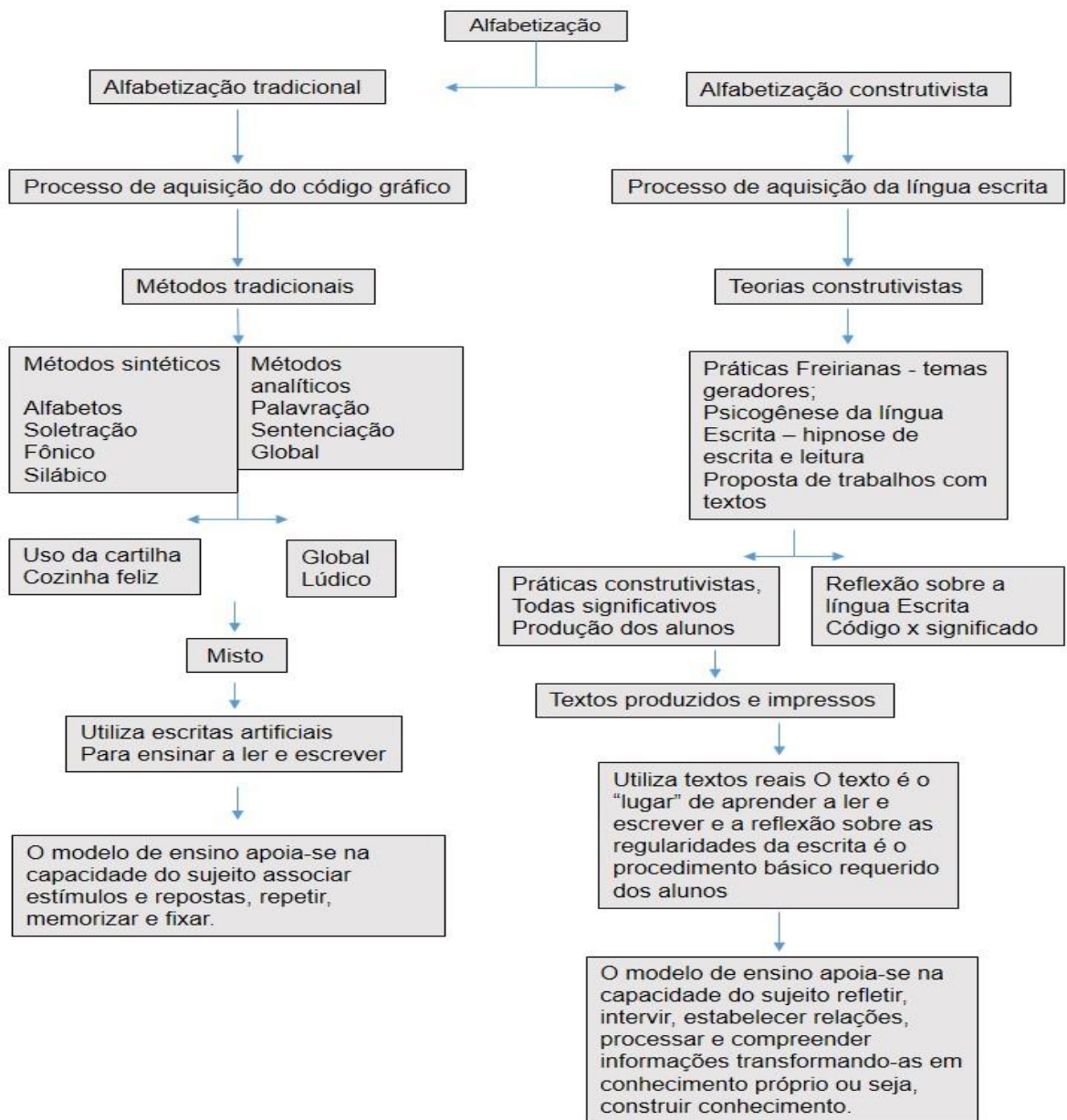
enorme fonte de conflito cognitivo” para as crianças compreenderem efetivamente o sistema de escrita alfabética.

Silábico - alfabético: esta marca o momento de transição da hipótese silábica para a alfabética, a criança entende que para escrever uma sílaba não é necessário somente uma letra, havendo preocupação com o valor sonoro e grafia convencional da escrita, mas pode usar uma letra para representar uma sílaba, ou as vezes escrever uma letra para cada sílaba, pois está em fase de transição na compreensão da escrita. Exemplo, para escrever BONECA usam ONECA ou BONCA.

Alfabético: nesta hipótese a criança já compreende o sistema de escrita, entendendo que cada um dos caracteres da palavra corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba, já lê e escreve alfabeticamente, faltando dominar as convenções ortográficas, por isso as vezes ainda comete erros ortográficos (Ferreiro & Teberosky, 1999 apud NOVA ESCOLA, 2001). Exemplo, nesta fase a criança pode escrever BONEKA ou já ser capaz de escreve convencionalmente BONECA.

Para melhor contribuir com a compreensão dessas duas propostas de alfabetização – métodos tradicionais e construtivista, será apresentado um quadro ilustrativo com as principais ideias de cada processo de alfabetização, elencando o que há de mais evidente nos conceitos, métodos, materiais, recursos e modelos de ensino de cada teoria e método de alfabetização. Deste modo, como pode ser observado no Quadro 1.

QUADRO 1. Síntese das ideias e concepções de alfabetização



Fonte: Os autores (2020)

A demonstração do Quadro 01 possibilita compreender que as metodologias de trabalho expressas em cada concepção de alfabetização colaboram para o reconhecimento das teorias que fundamentam a discussão deste artigo. Com isso pretende-se deixar claro que o trabalho tradicional está centrado na reprodução de conhecimentos, enquanto na visão construtivista os sujeitos são convidados a pensarem, interagirem com o processo e compreenderem o sistema de escrita. Os professores alfabetizadores precisam dominar a compreensão dessas teorias, pois

dessa forma conseguiram planejar e definir ações mais efetivas na aprendizagem e domínio do sistema de escrita.

3. Procedimentos Metodológicos

Para realizar este trabalho científico optou-se por aplicar uma abordagem metodológica de investigação qualitativa, visando assim assegurar o levantamento dos dados de forma a possibilitar o alcance dos objetivos propostos nesta pesquisa. O entendimento de que esse percurso metodológico seria adequado para a natureza do estudo deu-se por perceber que a abordagem qualitativa “não admite visões isoladas, parceladas, estanques (Trivinos, 1987, p. 137).

Segundo os autores Bogdan e Biklen (1994) é preciso considerar que a abordagem qualitativa é importante para qualificar os dados, conforme descreve,

A expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. (Bogdan e Biklen. 1994 , p. 16).

Contemplando a afirmação acima citada e a relevância desse trabalho de pesquisa, considera-se que analisar os dados qualitativamente oportuniza interpretação, discussão, caracterização e argumentação dos elementos identificados na pesquisa, oferecendo suportes suficientes e pertinentes ao propósito de estudo.

Além da abordagem qualitativa, os pesquisadores optaram pela revisão bibliográfica, visando assim fundamentar e expor os conceitos de métodos, qualificando-os e descrevendo suas características. Para tal, adentraram-se nas discussões bibliográficas que fundamentam conceitos importantes acerca da alfabetização, métodos e características dos métodos sintético, analítico, estudos de Paulo Freire sobre alfabetização e psicogênese da língua escrita. A utilização de revisão bibliográfica é de grande importância para o entendimento e

desenvolvimento das pesquisas. Nesse sentido, na visão de Gil (2019, p. 41) a pesquisa bibliográfica, apresenta algumas vantagens:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem tem, no entanto, uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa, [...].

Percebe-se que na visão do autor, esse tipo de pesquisa, além de trazer informações pertinentes e consistentes, apresenta possibilidade de se chegar ao um determinado coeficiente assim como a qualitativa, a qual se configura por apresentar dados inerentes à qualidade ou não de algo; nesse caso dados inerentes aos métodos de alfabetização, desenvolvidos pelas professoras da Escola Municipal Vale do Guaporé, na zona rural da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, nas turmas de 1º, 2º e 3º ano, do Ensino Fundamental, onde investigou-se os métodos utilizados na alfabetização. Métodos esses que até então, não eram percebidos e contemplados como processo importante na possibilidade de alfabetizar com aprendizagem, defendendo o direito de aprender a ler e escrever.

Durante a pesquisa, optou-se por adentrar a realidade da Escola Municipal Vale do Guaporé e realizar um trabalho de observação e entrevistas com três professoras da alfabetização, visando compreender os métodos de alfabetização utilizados em sala de aula e as práticas de leitura e escrita vivenciadas rotineiramente, destacando atividades de cópia, ditados de palavras, caça palavras e demais exercícios de memorização e repetição. Assim, foi possível perceber que durante as aulas os alunos vivenciam métodos mistos (sintético e analítico), não havendo a permanência de uma metodologia predominante. Esse fator contribui para a identificação de fragilidades no trabalho das professoras e na compreensão dos alunos. Exigindo assim intervenções mais severas no sentido de compreender a ação da escola e professores, visando contribuir com a contemplação do processo de ensino aprendizagem significativa.

Esse cenário foi selecionado pelos pesquisadores por tratar-se de um contexto próximo de suas realidades, sendo possível assim, observar e analisar a prática das 03 professoras alfabetizadoras e acompanhar mais de 40 crianças das salas de alfabetização da escola rural

selecionada como campo da pesquisa. Os sujeitos participantes da pesquisa assinaram termo de aceite e foram informados sobre o propósito da mesma, aceitando contribuir com o estudo.

Para a coleta de dados, optou-se por contemplar entrevistas estruturadas, contendo 06 questões abertas, as quais serviram de roteiro para o diálogo. As perguntas realizadas buscaram identificar o grau de compreensão dos métodos e sua aplicação durante as práticas alfabetizadoras realizadas na sala de aula. Além da entrevista, houve momentos de visitas e observação na escola e na sala de aula, cujo objetivo foi interagir com o processo a fim de compreendê-lo melhor.

Após a coleta dos dados os mesmos foram tratados com transcrição de entrevistas, análise das informações expressas nos diários de bordo, sistematização e fundamentação das respostas dos professores e seleção das ideias centrais para sustentar essa pesquisa. Posterior a este trabalho, todas as ideias selecionadas estão descritas neste artigo procurando ser fiel e ético quanto às informações coletadas.

4. Análise dos dados produzidos e resultados Alcançados

A análise dos dados coletados permite compreender o que foi proposto neste artigo, demonstrando ou refutando algumas questões apontadas durante o processo inicial da pesquisa. Por meio das análises foi possível encontrar elementos coerentes aos questionamentos levantados, assim como, contemplar o objetivo proposto.

Dessa forma, a proposta aqui é apresentar uma discussão dos dados levantados na pesquisa, confrontando-os com os conceitos contemplados a partir da revisão bibliográfica e das informações coletadas em campo. Para apresentar os resultados será discorrido um texto com as informações mais pertinentes e fundamentações que contra argumente ou elabore melhor os dados encontrados como potencialidades e fragilidades da pesquisa. São eles: *ausência de uma compreensão clara do que é método de alfabetização e suas características; falta de acompanhamento efetivo do processo de ensino e aprendizagem na alfabetização; aplicação de uma mescla de métodos para alfabetizar; inexistência de uma política de formação continuada para dar suporte aos professores.* Essas foram as questões mais evidentes e expressas na pesquisa, por isso serão discorridas a seguir, visando argumentar os resultados encontrados.

Durante a pesquisa fica visível a preocupação obsessiva, por parte de alguns educadores, por métodos de alfabetização eficazes, preocupação essa causada pela busca ansiosa de um instrumento seguro para a consecução dos objetivos mínimos da escola, que é ensinar a ler e escrever. Contudo, durante as observações e pesquisa identificou-se de forma unanime que os professores não possuem conhecimento pedagógico suficiente para compreenderem os métodos de alfabetização e suas especificidades: características, concepções, práticas. Por isso trabalham uma mescla de métodos que pouco contribuem para a coesão de uma alfabetização de qualidade.

De acordo com um texto trabalhado no PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES (PROFA) 2001, quando o educador não compreende o processo da alfabetização, as consequências são visíveis, pois:

(...) Infelizmente, quando isso não acontece da forma adequada, o que vemos são equívocos que podem causar problemas. Alguns inaceitáveis, como pensar que silábicos são alunos que leem de forma silabada. Ou que pré-silábicos são alunos que escrevem com muitos erros de ortografia.

O educador é parte integrante e fundamental do processo de alfabetização dos alunos, portanto, deve ser conhecedor de como acontece à aquisição da leitura e da escrita, podendo assim auxiliar no seu aprendizado de forma significativa, contribuindo para o desenvolvimento de suas potencialidades, considerando os aspectos cognitivo, cultural, social e emocional dos seus alunos, sendo o acompanhamento da prática uma ferramenta importante nesse processo. É possível afirmar que quando o educador tem o olhar reflexivo quanto à sua ação educativa as possibilidades de aprendizagem dos seus alunos são maiores.

Conforme Lima (2005, p. 34)

Aprender significativamente quer dizer atribuir significado ao conteúdo de aprendizagem, o que supõe a contínua revisão, modificação, enriquecimento e estabelecimento de diferentes conexões e relações entre o que já se sabe e o novo conteúdo e/ou entre os vários elementos constitutivos do próprio conteúdo da aprendizagem. (...) A aprendizagem significativa põe em relevo a ação construtiva dos alunos, assim como a mediação pedagógica do professor.

Esse reconhecimento fomenta no professor a necessidade de acompanhar a sua prática permitindo identificar as fragilidades e potencialidades vivenciadas durante as atividades propostas e realizadas em sala de aula. Contudo, durante o acompanhamento das aulas nas classes de alfabetização da Escola Municipal Vale do Guaporé foi possível identificar que há muita argumentação sobre os métodos e sua eficácia. Contudo há ausência de acompanhamento da prática pedagógica e da aprendizagem dos alunos. A preocupação com os métodos estão presentes nas argumentações discursivas, porém não são encontradas na prática.

Ao questionar as professoras sobre os métodos de alfabetização, identificou-se evidentemente uma confusão na compreensão desses métodos, deixando evidente que os mesmos são reconhecidos apenas em nomenclaturas, sem estudo profundo sobre características, concepções e práticas a serem exercidas para fomentar a aprendizagem em cada método. Dessa forma, é visível a necessidade de proporcionar para o grupo de professores momentos de estudos e formação continuada que oportunize aprofundar a discussão sobre métodos, inclusive oferecendo boas leituras sobre os temas.

Com relação à reflexão sobre a prática e o acompanhamento da relação ensino aprendizagem percebe-se que não há uma prática efetiva. Os conteúdos são ensinados isoladamente, com exercícios mecânicos que devem ser memorizados e cobrados sem haver um efetivo acompanhamento da compreensão e elaboração dos mesmos.

Em observação do uso dos métodos durante a pesquisa, foi possível identificar que as práticas são sustentadas pelos métodos tradicionais, sintético e analítico, atuando de forma a discutir a língua limitando-se em compreender as unidades da mesma - letras, sílabas, palavras e textos prontos sem contexto.

Mesmo os professores que tentam inovar, trabalhando métodos analíticos, apresentam textos para os alunos, porém não propiciam discussão sobre o sistema de escrita, geralmente trabalham priorizando exercícios de repetição, associação, memorização e fixação de conteúdos para ensinar o sistema de escrita. Fato que pouco contribui para uma alfabetização significativa, pois para contemplar uma alfabetização autônoma é necessário investir em práticas que propiciem aos alunos refletir, inferir, estabelecer relações, processar e compreender informação, transformando-os em conhecimentos próprios. Só dessa forma a escola e o professor estariam oferecendo uma educação autônoma e eficiente para a vida do sujeito.

Articulando para fechar as discussões acerca da pesquisa realizada com os professores da Escola Municipal Vale do Guaporé é importante expressar que o assunto ainda requer muitas intervenções no contexto da escola. Contudo, considerando o objetivo de compreender as contribuições dos métodos para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem na alfabetização, identificou-se que é inexistente uma discussão e práticas construtivistas, a alfabetização está ancorada somente em práticas tradicionais contemplando metodologias de alfabetização sintética e analítica. E tão pouco os professores possuem discernimento teórico sobre os métodos construtivistas.

Diante de presenciar todo o contexto, é possível inferir que a ausência da compreensão do processo de alfabetização e a ineficiência em compreender e utilizar métodos construtivistas causam prejuízos para a alfabetização contextualizada, pois os sujeitos da aprendizagem não aceitam mais uma educação descontextualizada. Por isso, propõe-se a partir dessa pesquisa um repensar na escola, assim como uma proposta de estudos contínuos visando compreender os conceitos e acompanhar o trabalho de ensino-aprendizagem promovido em sala de aula.

5. Considerações Finais

Considerando a proposta de trabalho exposta nesta pesquisa é possível concluir o estudo trazendo à tona as várias temáticas abordadas ao longo do processo, onde a base teórica possibilitou levantar informações importantes acerca da compreensão do tema alfabetização, deixando evidente que os educadores precisam ter clareza nas concepções de alfabetização, sendo ela o roteiro para a prática alfabetizadora. Nesse aspecto os pesquisadores coadunam com as concepções de Soares (1998) e ferreiro (1987), as quais defendem a alfabetização como processo de reflexão sobre o sistema de escrita, propiciando compreender a leitura e a escrita sem memorizações e exercícios enfadonhos e descontextualizados. As autoras defendem uma alfabetização contextualizada, capaz de propiciar ao alfabetizado autonomia para desenvolver o saber ao longo da vida.

Nas discussões sobre métodos evidenciou-se que a escola não possui uma alfabetização clara, dessa forma, oportuniza que cada professor eleja sua forma de alfabetizar. Os professores são unânimes em aplicar os métodos tradicionais, contudo, em seus discursos acreditam estar trabalhando para garantir educação de qualidade e alfabetização eficiente. É visível que os

alunos não têm demonstrado interesse pelos métodos aplicados e os resultados não são satisfatórios quanto à aprendizagem significativa, exigindo um repensar sobre a prática.

No aspecto reflexão sobre a prática, é notória a ausência de oportunidades de acompanhamento da práxis pedagógica, onde os professores realizam as atividades propondo exercícios, leituras, aulas expositivas de métodos silábicos, junção de sílabas e demais atividades que visam juntar e formar palavras. Contudo, não há uma proposta de reflexão sobre a prática, de acompanhamento do que os alunos já sabem e o que ainda precisam saber para compreenderem o sistema de escrita de forma autônoma. A ausência de acompanhamento acalenta o processo, pacificando as ações e levando os alunos a apenas repetirem conhecimentos de forma isolada, copiando, reproduzindo, o que na maioria das vezes causa danos a aprendizagem significativa e implica em uma soma de alunos não alfabetizados no final do ciclo de alfabetização, confirmando a problemática expressa no cenário nacional, onde muitas crianças saem da alfabetização sem estarem alfabetizados e por isso têm prejuízos enormes ao longo de toda sua vida escolar.

Após fundamentar a pesquisa e refletir sobre os aspectos da alfabetização é possível concluir que a escola precisa investir em métodos construtivistas, os quais permitem que os alunos reflitam sobre suas produções e construam conhecimento real, com sentido, oportunizando elaborações e reelaborações, pois trabalhar contemplando o construtivismo oportuniza que as crianças façam uso de práticas reais de ensino e contemplem aprendizagem uteis para a vida.

Depois de todo o estudo, não se pode afirmar que exista um método adequado para alfabetizar, no entanto, se defende a concepção de alfabetização para autonomia é preciso contemplar metodologias ativas e estratégias de ensino reflexivas, as quais permitem aos alunos interação com os saberes produzidos.

A partir desse princípio, a pesquisa possibilitou reconhecer o cenário da escola evidenciando as fragilidades e potencialidades acerca da alfabetização praticada. Por isso, foi possível contemplar o objetivo proposto, compreendendo que um bom método e estratégias construtivistas e interativas permitem o desenvolvimento de uma alfabetização mais eficiente. Dessa forma, o trabalho possibilitou reconhecer que a escola precisa investir no diálogo com todos os envolvidos na alfabetização (crianças, professores, equipe pedagógica e família) a fim de discutirem e reconhecerem a necessidade de implantar práticas construtivistas no processo ensino aprendizagem.

Fomentar esse trabalho na escolar requer investir em estudos e momentos de formação continuada, visando assim assegurar a compreensão necessária a promoção de práticas inovadoras.

A partir de todas as considerações acima pautadas, e visando construir um trabalho que possa contribuir com o cenário da escola envolvida no estudo, deixamos claro que a pesquisa não teve a intenção de realizar nenhuma crítica às práticas observadas ao longo da investigação, no entanto, reconhece que há muitas fragilidades apontadas nas observações, dessa forma espera-se que este trabalho sirva de reflexão sobre os fazeres praticados, assim como na compreensão dos elementos conceituais necessários para contribuir com o amadurecimento dos profissionais que realizam a alfabetização em sala de aula. E para finalizar, registramos que o processo de alfabetização das crianças deve ser respeitado como momento ímpar na vida desta, devendo ser cuidada e observada como ouro da educação.

Referências

Almeida, M. A. P. (2008). Métodos alfabetizadores: *reflexões acerca da prática pedagógica de uma professora de 1ª série do ensino fundamental*. Educere. Anais do II Congresso Nacional de Educação. Curitiba – Paraná. Retirado de: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/344_948.pdf >.

Brandão, C. R. (1981). *O que é método Paulo Freire* 1ª ed.- São Paulo. Brasiliense. Coleção Primeiro Passo.

Barbosa, J. J. (1994). *Alfabetização e Leitura*. São Paulo; Cortes, 1994- ed.. Rev. – (coleção magistério 2ª grau. Série formação do professor; v 16).

Barros, V.V. de (2010). *Alfabetização na Educação Infantil: fundamentos teóricos e metodológicos*. Dissertação (Mestrado). Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro. http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c204758.pdf

Bauer, M. W.; Gaskell, G. (2012). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. 10 ed. Petrópolis: Vozes.

- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *A Pesquisa qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora.
- Brasil. Ministério da Educação (2001). *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores: guia de orientações metodológicas gerais*. Brasília.
- Brasil. Ministério da Educação, (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Brasília, MEC/SEF.
- Cagliari, L. C. (1998). *Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu*. Ed. Scipione. São Paulo.
- Casasanta, L. M. (s.d.). *Métodos de ensino da leitura – Didática de linguagem*. s.l.: Editora do Brasil S.A.
- Corrêa, G. P. (2000). *Alfabetização com base linguística Belém*: (Dissertação de Mestrado).
- Freire, P. (2001). *Política e educação: ensaios*. 5. ed - São Paulo, Cortez. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teórica e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* -3. Ed.- São Paulo: Moraes.
- Freire, P. (2000). *A sombra desta mangueira*. 3. Ed. São Paulo: Olho d'água.
- Ferreiro, E. & Teberosk, A. (1987). *A Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social – 6ª ed*. Atlas. São Paulo.
- Gadotti, M. (2003). *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale.
- Kato, M. A. (1999). *O aprendizado da leitura / 5ª ed*. São Paulo.

Maciel, J. (1980). *Fundamentação filosófica do sistema Paulo Freire*. Revista Estudos Universitários, n. 4, abr.-jun.

PIAGET, Jean. (2007). *Epistemologia genética*. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Silva, A. da. (1981). *Alfabetização. A escrita espontânea*. São Paulo: Contexto.

Soares, M. (1998). *Letramento*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.

Trivinos, A. W. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Weisz, T. (2001). *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. 2. ed. São Paulo: Ática.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Simoni Pereira Borges – 35%

Antonio Gomes – 35%

Edione Teixeira de Carvalho – 30%